



USAID
DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

REPORTAGENS DE CRIMES CONTRA A VIDA SELVAGEM 101





© Paola Bouley - Gorongosa National Park

Protegendo o pangolim, a espécie de vida selvagem mais traficada. O Parque Nacional da Gorongosa estabeleceu o primeiro programa de recuperação de pangolins em Moçambique.

Índice

Propósito	2
Uma Introdução ao Crime contra Vida Selvagem	2
O Impacto do Crime contra a Vida Selvagem	4
Impactos ecológicos	4
Impactos políticos	5
Impactos económicos	5
Compreender a Cadeia de Valor do Comércio Ilegal da Vida Selvagem	6
Sindicatos do crime transnacional	7
Caçadores furtivos	7
Traficantes	7
Processadores	8
Consumidores	8
Crimes de subsistência vs crimes comerciais contra a vida selvagem	9
Mercados ilegais versus mercados legais	9
Categorizando a cadeia de crimes contra a vida selvagem	10
Como a Mídia Actualmente Reporta o Crime contra a Vida Selvagem	11
Considerações ao Reportar Crimes contra a Vida Selvagem	12
Lições de criminologia	13
Lições da Economia Comportamental	14
Reportagem de crimes contra a vida selvagem em acção	16
Glossário de Termos Úteis	17
Recursos	18



© Lesley Lane



As áreas protegidas africanas têm o potencial de impulsionar as economias e promover mudanças.

“Infelizmente, o crime contra a vida selvagem é actualmente uma forma lucrativa do crime organizado, comparável ao tráfico de drogas e armas. Estima-se que rende USD23 bilhões por ano.”

Propósito

Pretende-se que este manual seja um ponto de partida para jornalistas e outros membros da mídia interessados em reportar crimes contra a vida selvagem.

O objectivo é criar uma apreciação mais profunda da complexidade dos crimes contra a vida selvagem e a sofisticação dos sindicatos e redes de crimes contra a vida selvagem, oferecendo uma visão para aqueles que reportam um incidente de crime contra a vida selvagem, ou que querem produzir uma informação que mergulha mais fundo nos determinantes ou no impacto do crime contra a vida selvagem. Recursos adicionais estão incluídos no final do manual para aqueles que desejam aprender mais acima do que este texto introdutório pode oferecer.

Uma Introdução ao Crime contra Vida Selvagem

O crime contra a vida selvagem é um negócio ilícito de bilhões de dólares que tem estado a dizimar as espécies selvagens icônicas da África e a minar a prosperidade económica e o desenvolvimento sustentável de países e comunidades em toda África Austral. Ameaça o capital natural da região e prejudica os ganhos económicos de empreendimentos legais baseados na natureza, como o ecoturismo. O crime contra a vida selvagem também ameaça a estabilidade e a coesão social, pois rouba dos cidadãos o seu património cultural e natural, enquanto as suas redes de crime organizado ameaçam a paz e a segurança regionais.

A caça furtiva, o tráfico e venda da vida selvagem protegida da África é um problema que continua a crescer, apesar dos esforços globais para conter a demanda e o fornecimento de produtos animais ilegais. Infelizmente, o crime contra a vida selvagem é actualmente uma forma lucrativa de crime organizado, semelhante ao tráfico de drogas e armas. Os crimes contra a vida selvagem cruzam fronteiras e podem causar efeitos devastadores no meio ambiente, nas comunidades locais e na segurança regional. Em última análise, o crime contra a vida selvagem mina o desenvolvimento africano e explora desnecessariamente os mais vulneráveis.

Uma das abordagens mais amplamente divulgadas para combater os crimes contra a vida selvagem centra-se em iniciativas militantes contra a caça furtiva, que visam eliminar o fornecimento de produtos animais ilegais. No entanto, apesar dos melhores esforços de iniciativas de combate à caça furtiva, esta



Estratégias de proteção de culturas, como cercas de colmeia, reduzem o conflito homem- animal e o potencial de crimes associados à vida selvagem no Parque Nacional da Gorongosa.



abordagem levou a um aumento significativo da violência entre caçadores e guardas-florestais. Enquanto os caçadores furtivos se tornam mais fortemente armados e agressivos com seus métodos, os guardas-florestais têm que se adaptar para enfrentar essas ameaças. Isso tem causado uma corrida armamentista entre caçadores e guardas florestais.

Estas iniciativas anti-caça furtiva tiveram algum sucesso em levar os caçadores furtivos à barra da justiça, mas esta abordagem por si só não pode acabar com todo o comércio ilegal da vida selvagem. O desmantelamento das redes criminosas que facilitam os crimes contra a vida selvagem requer muitos recursos e esforços dedicados. Infelizmente, os agentes da lei e ordem, especialmente aqueles que são responsáveis pelo controle das fronteiras, não têm recebido apoio suficiente para causar um impacto significativo no fornecimento de produtos ilegais de vida selvagem. Enquanto a falta de recursos logísticos e treinamento adequado dificulta os esforços para combater o crime contra a vida selvagem, a corrupção, pelo seu turno, desempenha um papel crítico na manutenção do fluxo de mercadorias ilegais. A corrupção pode ser considerada um dos factores mais fortes que permitem o aumento do crime contra a vida selvagem, uma vez que destrói a capacidade da aplicação da lei de efectivar mudanças duradouras. A fraca aplicação da lei não só desempenha um papel significativo na criação e manutenção de redes de crimes contra a vida selvagem, mas também trai as comunidades e os mercados legais que pretende proteger.

Muitos países e organizações estabeleceram planos para lidar com o crime contra a vida selvagem e as redes que permitem que ele floresça livremente, tais como o reforço da legislação e políticas ou a criação de unidades especializadas de aplicação da lei. Uma vez que estas redes criminosas transnacionais organizadas se adaptam rapidamente, é fundamental que os esforços de aplicação da lei evoluam também por forma a enfrentar a ameaça.

Os crimes contra a vida selvagem representam uma séria ameaça ao bem-estar de ecossistemas no seu todo e das comunidades. Em última análise, a única maneira de causar um impacto significativo no comércio ilegal da vida selvagem é alavancar o poder, o conhecimento e a experiência do controle fronteiriço, polícias, grupos conservacionistas e legisladores. Parcerias internacionais coordenadas são críticas para a capacitação e partilha de informação crucial. Embora espécies icônicas tais como elefantes e rinocerontes recebam mais atenção, o comércio ilegal da vida selvagem é muito mais extenso, e inclui uma

“Se uma manada de elefantes pisotear regularmente as tuas plantações e colocar teus filhos em perigo, os esforços para proteger os elefantes podem não ter muito apoio.”



© Lesley Lane



Embora espécies icônicas tais como elefantes e rinocerontes recebam mais atenção, o comércio ilegal de animais selvagens é muito mais extensivo, incluindo uma variedade de pássaros, répteis, anfíbios, peixes, mamíferos, invertebrados e plantas.

“Parcerias internacionais coordenadas são essenciais para a capacitação e partilha de informações cruciais.”

variedade de pássaros, répteis, anfíbios, peixes, mamíferos, invertebrados e plantas. Animais e plantas selvagens são caçados e traficados para uma variedade de fins comerciais, incluindo o comércio ilegal de animais de estimação, medicina tradicional chinesa (TCM), troféus, coleções, acessórios e obras de arte como esculturas feitas de marfim ou pau-rosa.

O Impacto do Crime contra a Vida Selvagem

Impactos ecológicos

Os ecossistemas dos quais os nossos meios de subsistência dependem são delicados e complexos. Ao perturbar o equilíbrio, diminuindo ou removendo populações - como elefantes, pangolins, abalone, etc. - corremos o risco de introduzir uma variedade de problemas ecológicos de grande envergadura, muitos dos quais não podemos nem mesmo antecipar ou planejar. Alguns deles representam espécies-chave, que são espécies que têm um impacto desproporcionalmente grande no meio ambiente em relação ao tamanho da sua população. Os elefantes, por exemplo, desempenham papéis importantes na dispersão de sementes, pisoteando o solo para criar barreiras naturais contra incêndios e criando acesso à água para animais de menor porte através da sua escavação. A sua perda teria um efeito desastroso no meio ambiente, em outras espécies animais e nas populações humanas.

Num outro exemplo, em muitas partes da África sub-sahariana, os pangolins comem formigas e cupins, agindo como um freio natural para impedir que essas populações se multipliquem para níveis fora de controle.

Da mesma forma, os abalone se alimentam de algas, agindo como um “predador” natural das florestas de algas que polvilham a costa da África Austral. As florestas de algas agem como uma barreira para a costa, amortecendo o impacto das ondas das marés e limitando o impacto da erosão “cercando” a areia. Se o abalone fosse removido deste ecossistema marinho, todo o sistema ficaria fora de equilíbrio, alterando os processos naturais de marés e erosão.

Os efeitos indiretos da perda de biodiversidade são complexos, ocorrem em estágios e nem sempre são claramente visíveis. A longo prazo, a rápida perda de animais que estamos testemunhando provavelmente afetará a habitabilidade da terra, a produção de alimentos e o abastecimento de água de formas significativas.



© Chris Kruger - Deposit Photo

A descorna do rinoceronte desencoraja drasticamente a caça furtiva. O risco permanece alto, mas o potencial rendimento é consideravelmente menor.



Impactos políticos

Economias ilícitas, tais como o comércio de drogas ou comércio ilegal de vida selvagem, contribuem para a corrupção, ao mesmo tempo que minam a democracia e o Estado de direito.

Geralmente, os sindicatos do crime transnacional estão envolvidos em várias economias ilegais: drogas, contrabando de armas, tráfico de seres humanos e tráfico da vida selvagem. Além disso, os sindicatos podem pagar aos caçadores furtivos em drogas - como metahqualone ou 'mandrax' - em vez de dinheiro. Desta forma, as economias ilícitas se reforçam mutuamente.

As habilidades necessárias para contrabandear, infelizmente, são incrivelmente transferíveis. No entanto, também é importante ter em mente que o sucesso desses cartéis depende da corrupção em todas as etapas ao longo do caminho.

Ao roubar os recursos naturais de um país e traficar ilegalmente o contrabando através das fronteiras, a segurança nacional e a autonomia são ameaçadas por actores externos que buscam obter ganhos financeiros. Ao mesmo tempo, a expansão da actividade ilícita enfraquece a aplicação da lei, investigação e justiça - fazendo com que todo o sistema funcione de uma forma menos eficaz.

Para muitos aspirantes a caçadores furtivos e traficantes, os benefícios percebidos de se envolver em crimes contra a vida selvagem actualmente superam os potenciais custos. Isto é incrivelmente problemático e precisamos garantir que isso seja revertido, de modo que os custos de se envolver no comércio ilegal da vida selvagem superem em grande medida os potenciais ganhos desta actividade. A única maneira de fazer isso é garantir que as detenções e condenações sejam rápidas e que as sentenças sejam severas o suficiente não apenas para reflectir a gravidade do crime, como também para impedir outras pessoas de participar nestas actividades.

Impactos económicos

Dois impactos económicos significativos do comércio ilegal da vida selvagem são:

Perda do turismo baseado em fauna bravia

O turismo baseado em fauna bravia é um contribuinte económico significativo para os países da região da SADC. O impacto do turismo é muito mais

“Para muitos que aspiram ser caçadores furtivos e traficantes, os benefícios percebidos de se envolver em crimes contra a vida selvagem actualmente superam os potenciais custos.”



Os pangolins são actualmente os mamíferos mais traficados do mundo.

“A longo prazo, a rápida perda de animais que temos vindo a testemunhar provavelmente afectará a habitabilidade da terra, a produção de alimentos e o abastecimento de água de maneiras significativas.”

abrangente do que pode ser imediatamente aparente, uma vez que apoia e cria empregos em vários sectores, desde hospedagem a restauração e transportes; e incentiva o investimento internacional (por exemplo, através de cadeias hoteleiras internacionais, aluguer de veículos, companhias aéreas, etc.), para além do dinheiro que os turistas gastam directamente com hospedagem, alimentação e presentes.

Enquanto a África Austral orgulha-se por possui muitas maravilhas naturais, de Victoria Falls à Table Mountain, a maioria dos turistas internacionais vem para apreciar a nossa vida selvagem. Esta vida selvagem representa uma parte importante e insubstituível do nosso património nacional, que está ameaçado não por pressões internas, mas sim pela demanda do mercado externo.

Perda de receita devido à evasão fiscal

Todo crime relacionado à vida selvagem envolve crimes financeiros. Como é o caso em todas as economias ilícitas, as transações financeiras acontecem “por baixo da mesa” e muitas vezes incluem subornos e várias recompensas em cada etapa.

Uma vez que as transações financeiras são ocultadas para evitar a detecção, os lucros provenientes dos crimes contra a vida selvagem permanecem não declarados e não tributados. Isso retira importantes recursos financeiros da África Austral e os transfere para mercados ilícitos ou estrangeiros. O capital que poderia ser investido em infraestruturas, desenvolvimento e educação nunca chega aos cofres do Estado, travando o desenvolvimento dos nossos países e nosso povo.

Compreender a Cadeia de Valor do Comércio Ilegal da Vida Selvagem

Uma forma de examinar a complexidade do comércio ilegal da vida selvagem é usar o conceito de cadeia de valor. Enquanto, no geral, concentramo-nos no momento da caça furtiva ao discutirmos crimes contra a vida selvagem, é importante reconhecer que é apenas uma ligação de uma cadeia muito maior que constitui o comércio ilegal da vida selvagem. As redes criminosas são altamente adaptáveis e cada etapa da cadeia é parte integrante do funcionamento do sistema como um todo. As ligações nesta cadeia podem incluir.



Após a redução massiva do número de pangolins asiáticos, os traficantes de vida selvagem mudaram seu foco para a África. O Parque Nacional da Gorongosa iniciou um programa de pesquisa e monitoria.



Sindicatos do crime transnacional

Conforme discutido acima, o comércio ilegal da vida selvagem é operado - nos níveis mais altos - por sindicatos do crime transnacional. Estas são redes complexas e dispersas com hierarquias e funções claramente definidas. Para acabar com os crimes contra a vida selvagem, aqueles que estão nos níveis superiores destas hierarquias precisam ser identificados e levados à justiça. Enquanto apenas as camadas inferiores estão directamente envolvidas na caça furtiva e no tráfico (e são, como resultado, o principal alvo de detenção), os que se encontram nos níveis médios e superiores, ainda podem estar implicados numa variedade de crimes nacionais e internacionais incluindo lavagem de dinheiro, evasão fiscal, extorsão e crime organizado.

Caçadores furtivos

A representação popular dos caçadores furtivos é que eles são oriundos das comunidades locais empobrecidas e cometem crimes por desespero económico.

Normalmente este não é esse o caso. As quadrilhas de caça furtiva - especialmente aquelas que visam animais de grande porte tais como elefantes e rinocerontes - são geralmente altamente organizadas, bem treinadas e com bons recursos. Os seus membros podem incluir ex-escoteiros, soldados e guardas florestais, com habilidades tanto no rastreamento quanto no manuseio de armas. Uma grande quadrilha de caça furtiva, que operava na Reserva do Niassa, em Moçambique, incluía até um membro que se dedicava à monitoria e avaliação. Este não participava nos abates, mas tinham informação detalhada sobre os movimentos e abates perpetrados pelas quadrilhas. Alguns animais de menor porte, tais como os pangolins - o mamífero mais traficada do mundo - são geralmente vítimas da oportunidade, não de de círculos de caça furtiva organizados.

O mecanismo de defesa natural do tímido pangolim, enrolando-se, actua contra sim, pois os caçadores furtivos podem facilmente agarrá-lo e escondé-lo em pastas ou carros. Uma vez sendo, no geral, um crime de oportunidade, muitos caçadores de pangolins são detidos quando tentam vender as suas presas.

Traficantes

Como os caçadores furtivos, os traficantes possuem elevadas habilidades e dispõem de recursos. Eles são especialistas em esconder produtos animais ilegais e encontrar maneiras de cruzar fronteiras e postos de controle sem chamar atenção.

“Para acabar com os crimes contra a vida selvagem, aqueles que estão nos níveis mais altos dessas hierarquias devem ser identificados e levados à barra da justiça.”



“A composição química do chifre de rinoceronte é a mesma das unhas humanas, portanto as alegações de os cornos do rinoceronte possuírem propriedades medicinais são totalmente sem base científica.”

Como essas habilidades são transferíveis para todos os tipos de tráfico, geralmente estão envolvidos em outras actividades ilegais, incluindo tráfico de drogas, pessoas e armas.

Processadores

Uma vez que a detecção de partes ilícitas de animais, tais como pontas de elefante, cornos de rinocerontes e escamas de pangolim, tornou-se mais eficaz nos últimos anos, as redes de tráfico começaram a instalar unidades de processamento para ocultar os itens antes de saírem do continente. Isto pode incluir o processamento de cornos do rinoceronte em joias ou esconder pedaços de marfim em embalagens de barras de chocolate.

Consumidores

A procura de produtos ilegais da vida selvagem é mundial - com lugares como EUA e Europa sendo destinos populares para o comércio ilegal de animais de estimação. No entanto, a maior parte da demanda vem do leste e sudeste da Ásia, onde os animais são historicamente valorizados pelos seus valores comerciais, e não intrínsecos. Parte desta demanda vem da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), que é um pouco enganosa, pois é praticada em muitas partes da Ásia e entre as comunidades asiáticas em todo o mundo, não apenas na China.

O corno do rinoceronte é o principal exemplo disso, pois acredita-se que ele tenha uma variedade de usos medicinais, incluindo para o tratamento do cancro e da impotência sexual. A composição química do corno do rinoceronte é a mesma das unhas humanas, daí que facilmente se conclui que as alegações das suas propriedades medicinais são totalmente sem base científica. Embora a China tenha banido o uso do corno do rinoceronte na MTC, o seu uso é incrivelmente popular no Vietname, tanto entre os vietnamitas nativos quanto entre os turistas chineses em visita aquele país. Na verdade, hoje o Vietname substituiu a China como o maior importador mundial de cornos de rinoceronte da África.

Da mesma forma, as escamas de pangolim são usadas na MTC e, embora a China tenha restringido seu uso, este não é legalmente proibido. As populações cada vez menores de pangolins asiáticos criaram uma procura de pangolins roubados de outros lugares, principalmente da África, onde todas as quatro espécies africanas estão criticamente ameaçadas de extinção.

*Relatório Estratégico: Meio Ambiente, Paz e Segurança - Uma Convergência de Ameaças, pág. 40, 2016; Maggs, K., 'Estratégia Nacional Sul Africana para a segurança e proteção das populações de rinocerontes e outras iniciativas relevantes do governo e do sector privado' em Dean, C. (ed.), Procedimentos da décima reunião do Grupo de Especialistas em Rinoceronte Africano da IUCN, 5-10 de Março de 2011, pp. 130-146, 2011 e Milliken, T. e Shaw, J., The South Africa - Viet Nam Rhino Horn Trade Nexus, TRAFFIC.



Chifre de rinoceronte transformado em joias e bugigangas. Operação em Nhi-Khe, Vietname. Cortesia da Wildlife Justice.



Crimes de subsistência vs crimes comerciais contra a vida selvagem

Uma distinção fundamental nas causas do crime contra a vida selvagem é se o crime é cometido por razões de subsistência ou por razões comerciais. Normalmente, os crimes contra a vida selvagem cometidos por motivos comerciais são muito mais complexos e abrangem uma cadeia de valor ilícita que inclui actividades tais como o abate ou caça ilegal (caça furtiva), contrabando, posse e comércio de fauna e flora. Isto também inclui as várias formas de corrupção, lavagem de dinheiro e comercialização de bens ilícitos que são necessários para que essas transações ocorram.

As cadeias de valor do crime de subsistência contra a vida selvagem são normalmente curtas. A vida selvagem é furtivamente caçada numa área protegida usando meios de fácil obtenção e baratos (ex.: armadilhas de arame ou cabo, arco e flecha, cães e lanças, armas de fogo caseiras ou, às vezes, armas de fogo reais). A vida selvagem é depois transferida para uma casa ou aldeia local, onde pode ser imediatamente consumida, partilhada com os vizinhos ou vendida ou trocada localmente. Às vezes, por exemplo, em casos de influxos sazonais de vida selvagem, a carne pode ser defumada para a sua conservação e armazenamento.

Apesar desta cadeia de valor ser curta e para consumo local, ainda pode ter um grande efeito sobre uma espécie ou o funcionamento de um ecossistema. Por exemplo, um estudo realizado em 2002 na fronteira oeste do Parque Nacional do Serengeti estimou que entre 50 mil e 60 mil pessoas participaram na caça nas áreas protegidas nas redondezas, e até 5 mil jovens ganharam a sua renda primária da caça de animais selvagens. São números significativos que sugerem que as actividades tradicionais de desenvolvimento económico na área não tiveram sucesso, e também são motivo de alarme sobre o impacto que isso teria sobre as espécies caçadas e, portanto, sobre o funcionamento deste ecossistema único e importante.

Mercados ilegais versus mercados legais

Alguns produtos de vida selvagem comercializados ilegalmente alimentam principalmente os mercados ilegais de consumidores finais (ex.: marfim e corno de rinoceronte), enquanto outros são vendidos a retalho através de pontos de venda legais, apesar de estes serem de proveniência ou origem ilegal (ex.: pau-rosa e abalone).

“As redes de tráfico começaram a montar fábricas de processamento para ocultar os itens antes de saírem do continente.”



© Lesley Lane



Leões, tanto criados em cativeiro quanto selvagens, tornaram-se espécies-alvo tanto para remédios asiáticos quanto para caça ilegal de troféus.

“A corrupção pode ser considerada um dos factores mais determinantes para o aumento do crime contra a vida selvagem, uma vez que destrói a capacidade da aplicação da lei em prol de mudanças duradouras.”

Os estudos de caso mostram que, quando os produtos da vida selvagem comercializados ilegalmente são introduzidos nas cadeias de valor comerciais legais, os criminosos têm acesso a uma fonte de demanda muito maior do que a disponível apenas no mercado negro. Existem algumas anomalias importantes a ter em conta para compreender as relações complexas entre o comércio legal e ilegal de vida selvagem:

- Onde não há regulamentação internacional: Existem milhões de espécies para as quais o comércio internacional ainda não é regulamentado pela Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Extinção (CITES), e às vezes essas espécies são legalmente comercializadas internacionalmente, apesar de serem colhidas ou exportadas ao contra a legislação nacional (ex: plantas para o comércio de orquídeas ou cicadáceas e répteis e peixes para animais de estimação ou aquários)
- Com documentação fraudulenta: As espécies protegidas podem ser comercializadas legalmente internacionalmente se acompanhadas da documentação correcta, no entanto, as licenças adquiridas por falsificação, fraude ou corrupção são usadas para comercializar a vida selvagem e as licenças são ilegalmente reutilizadas.
- De origem selvagem: As práticas de colheita informal e ilegal podem permitir que a vida selvagem protegida internacionalmente seja introduzida ilegalmente nas cadeias de valor comerciais antes de ser exportada legalmente (ex: plantas selvagens, pássaros selvagens e ossos de leão)
- Lavagem da vida selvagem: Algumas fazendas de animais selvagens, operações de reprodução em cativeiro ou mesmo zoológicos podem desempenhar um papel na lavagem da vida selvagem adquirida ilegalmente.

Categorizando a cadeia de crimes contra a vida selvagem

De acordo com a estratégia de aplicação da lei e anti-caça furtiva da SADC, a norma internacionalmente aceite para categorizar a cadeia de crimes contra a vida selvagem é a seguinte:



© Paola Bouley - Gorongosa National Park

Programas de educação envolvendo comunidades no manejo da vida selvagem podem melhorar as percepções e estimular a empatia pela vida selvagem e sua potencial contribuição para o desenvolvimento.



NÍVEL	1	Estes são crimes cometidos no terreno onde uma força de patrulheiros/guardas florestais treinada em táticas paramilitares para patrulhar áreas protegidas é usada para apreender caçadores furtivos. Indivíduos ou grupos de caçadores furtivos detidos são depois processados e condenados de acordo com as leis e regulamentos que regem a vida selvagem.
NÍVEL	2	Refere-se a incidentes em que os caçadores furtivos não são apreendidos no terreno e os produtos da vida selvagem são, na maioria dos casos, removidos das áreas protegidas. Os produtos são depois agrupados, armazenados ou ocultados por receptores e/ou transportadores locais antes de avançarem para a próxima fase da cadeia do crime.
NÍVEL	3	Refere-se ao transporte de produtos ilegais por transportadores nacionais/transnacionais. No caso de produtos de alto valor (ex: marfim, corno de rinoceronte, peles de leopardo, etc.).
NÍVEL	4	Estes produtos ilegais de alto valor são geralmente colecionados até atingirem quantidades suficientes para sua posterior embalagem em contentores adequados para exportação. Tudo isto requer níveis mais altos de organização, suporte financeiro e, geralmente, proteção de funcionários corruptos em vários níveis.
NÍVEL	5	O elo final da cadeia está no ponto de recebimento, para o qual os produtos ilegais são destinados. Neste nível, os importadores, comerciantes e consumidores constituem criminosos sindicalizados.

“Operações de reprodução em cativeiro de algumas fazendas de vida selvagem, ou mesmo zoológicos, podem desempenhar um papel na lavagem ilegal vida selvagem adquirida.”

Olhando para os crimes contra a vida selvagem através da perspectiva das cadeias de valor nos ajuda a quebrar a complexidade de todos os actos individuais envolvidos no crime organizado transnacional contra a vida selvagem. O que pode parecer um acto pequeno e individual geralmente faz parte de uma complexa rede de actividades criminosas organizadas.

Como a Mídia Actualmente Reporta o Crime contra a Vida Selvagem

A mídia tem um papel crucial a desempenhar no esforço coletivo para reduzir o crime contra a vida selvagem, através da forma como reporta o assunto. As palavras, imagens e ângulos escolhidos têm um efeito, que pode ser positivo ou negativo. Para se compreender como escrever efectivamente notícias sobre os crimes contra a vida selvagem, é importante primeiro dar um passo para trás e



Extraída ilegalmente, ou “legal” com licenças questionáveis, a madeira é o recurso individual mais valioso. A extração insustentável transforma os ecossistemas e tem impactos sobre uma miríade de espécies.

“O que pode parecer um acto pequeno e individual costuma fazer parte de uma complexa rede de actividades do crime organizado.”

avaliar como a mídia actualmente reporta sobre o assunto. O que é enfatizado e o que fica de fora? Ainda mais significativamente, que pressupostos estão por trás das decisões que os jornalistas tomam ao reportar sobre crimes contra a vida selvagem? Apesar de nossos melhores esforços em relação à objectividade, todos os aspectos das nossas reportagens são influenciados e moldados por quem somos e pelos várias pressupostos culturais que carregamos.

A linguagem que escolhemos para escrever e o vocabulário e metáforas que invocamos fala a públicos específicos. A forma como enquadramos as histórias - sejam elas sobre conservação, caçadores furtivos, esforços contra a caça furtiva, redes de tráfico, comunidades locais, etc. - reflete realidades históricas, culturais e sociais específicas das quais podemos nem estar conscientes. Globalmente, a indústria da mídia está sob pressão e enfrenta duras realidades económicas que geralmente resultam em menos recursos em geral e, especificamente, quando se trata de reportagens especializadas sobre questões como crimes contra a vida selvagem. Muitas redações acabam contando com despachos eletrônicos e, geralmente, apenas matérias que têm apelo nacional farão sucesso. O que também não tem ajudado nesta questão é o facto de o jornalismo ambiental ser uma das áreas mais perigosas de reportagem.

Estas pressões podem resultar em reportagens sensacionalistas, sem perspectivas diversificadas sobre este tópico complexo ou focadas em eventos sem fornecer contexto. Mais informação sobre como a mídia actualmente informa sobre crimes contra a vida selvagem pode ser encontrada na [Análise de Reportagens sobre o Comércio Ilegal da Vida Selvagem](#) de Christel Antonites.

Considerações ao Reportar Crimes contra a Vida Selvagem

Uma das coisas mais importantes a se ter em mente ao escrever sobre crimes contra a vida selvagem é que o evento real de caça furtiva ocupa apenas um pequeno momento numa narrativa muito mais longa. Assim, ao nos concentrarmos principalmente na caça furtiva em si, corremos o risco de perder de vista o tráfico, que envolve muito mais pessoas e muito mais tempo e energia.

Ao enquadrar os esforços no combate ao crime contra a vida selvagem como uma “guerra contra a caça furtiva”, ingoramos a rede muito maior de traficantes que tanto impulsiona quanto torna lucrativo o abate em grande escala da vida selvagem.



© Andrey Popov - Deposit Photo

A propagação de árvores indígenas, às vezes em associação com culturas de rendimento, como o café, pode ajudar a restaurar os recursos de madeira super utilizados.

Para além de mudar o nosso foco para observarmos as redes de tráfico, também existem várias lições que podemos aprender nos campos da criminologia e economia comportamental que nos ajudarão a entender melhor como abordar e escrever sobre crimes contra a vida selvagem.

Lições de criminologia

- A pobreza por si só não causa crime - Por exemplo, os países mais pobres do mundo não têm as maiores taxas de criminalidade. Pelo contrário, o crime aumenta quando há extrema desigualdade socioeconómica e uma incompatibilidade observável entre os objectivos culturais e as oportunidades disponíveis. Nestas situações, encontramos uma condição conhecida como anomia, em que a sociedade fornece pouca orientação moral aos indivíduos e, como resultado, os laços sociais entre os indivíduos e sua comunidade são rompidos, resultando num aumento da violência e violação da lei.
- Ilegalidade contestada - um comportamento, definido como ilegal pelo estado ou organismos internacionais, que pode não ser considerado inaceitável por todos os membros da sociedade. Por exemplo, as comunidades rurais pobres podem ter uma relação e perspectiva muito diferente sobre o conflito com a vida selvagem do que alguém que vive em relativa afluência em ambientes urbanos. No final do dia, os mais pobres sofrem as maiores consequências de viver com a vida selvagem. Se uma manada de elefantes pisar regularmente nas tuas plantações e colocar teus filhos em perigo, os esforços para proteger os elefantes podem não ter muito apelo. Na verdade, podem até mesmo ser vistos como colocando os direitos dos animais acima dos teus direitos como pessoa. Estas perspectivas diferentes podem levar a ideias conflitantes sobre a legitimidade de matar a vida selvagem.
- O treinamento e as mensagens destinadas a desencorajar a participação em crimes contra a vida selvagem são geralmente baseados na Teoria da Escolha Racional. Esta é a teoria de que as pessoas tendem a tomar decisões racionais depois de pesar os custos e benefícios. No entanto, a Teoria da Escolha Racional não aborda ou leva em consideração a falta de oportunidade, nem as necessidades emocionais e sociais. Num nível racional, tirado de outros contextos e considerações, um indivíduo pode optar por não se envolver na caça furtiva. No entanto, se esta pessoa estiver desiludida por promessas não cumpridas de

“Cerca de 80% da população da região [África austral] depende de plantas medicinais para suas necessidades primárias de saúde.”



© Lesley Lane



Em toda a sua distribuição, os leopardos estão em rápido declínio e a espécie agora é considerada vulnerável à extinção. Não há estimativas fiáveis de números na natureza.

“Perspectivas divergentes podem levar a ideias conflictuantes sobre a legitimidade de matar animais selvagens.”

- Oportunidade económica e sob imensa pressão externa para sustentar financeiramente a sua família, as suas decisões podem parecer muito diferentes. Por conseguinte, as mensagens de dissuasão devem ser reformuladas para abordar os contextos que realmente provocam a participação em crimes contra a vida selvagem, em vez de apelos universais ou superficiais à razão.

Lições da Economia Comportamental

- Promover a conscientização e a preocupação não garante mudança de comportamento - Todos podemos saber que comer alimentos nutritivos e fazer exercícios é bom para nós, mas este conhecimento por si só nem sempre se traduz em estilos de vida mais saudáveis ou activos. Pelo contrário, as pessoas respondem bem a incentivos claros e simples. Por exemplo, uma empresa de assistência médica na África do Sul oferece um café ou batido grátis todas as semanas para pessoas que alcançam os seus objectivos resultantes de exercícios (através de um sistema de pontuação). Este é um exemplo de incentivo claro e simples que pode afectar a mudança de comportamento através de promessa de uma pequena recompensa.
- Incentivar o comportamento - Para que os incentivos funcionem, é necessário haver uma ligação directa entre o comportamento e a recompensa, as recompensas precisam ser entregues regularmente (não apenas uma vez ou num futuro distante) e devem ser dadas para uma acção positiva ao invés da ausência de uma acção negativa. No caso de crimes contra a vida selvagem, isto pode significar reportar ocorrências de crimes contra a vida selvagem, em vez de não participar no acto.
- Teoria de Nudges - desenvolvida por Richard Thaler e Cass Sunstein, os quais descrevem um Nudge da seguinte maneira: ‘Um nudge, como usaremos o termo, é qualquer aspecto da arquitetura de escolha que altera o comportamento das pessoas de uma forma previsível sem proibir quaisquer opções ou mudar significativamente os seus incentivos económicos. Para contar como um mero nudge, a intervenção deve ser fácil e barata de evitar. Nudges não são mandatos. Colocar a fruta ao nível da vista conta como um nudge. Banir alimentos pouco saudáveis não.’ (Thaler e Sunstein, 2008, p 6). A ideia por trás disto é que as pessoas respondem mais favoravelmente ao reforço positivo e



Os líderes da Igreja Shembe trabalharam com Panthera, a organização global de conservação do gato selvagem, para criar capas de pele de leopardo sintéticas que ajudam a preservar os leopardos na África austral. O programa Furs for Life também foi replicado com o povo Lozi da Zâmbia.



© G.W. Jones - Panthera

sugestões indirectas (“dudges”) do que serem ditas o que fazer ou não fazer.

- **Prevenção de crimes** - Para desencorajar o crime de forma eficaz, os sistemas judiciais precisam ser percebidos como rápidos, justos e certos, em vez de lentos, incertos e arbitrários. A corrupção destrói a confiança na justiça rápida, justa e certa.

Juntando tudo isto, podemos começar a entender não apenas o que está a favorecer o comércio ilegal da vida selvagem, mas também como podemos desencorajá-lo de uma forma mais eficaz, incorporando conceitos da criminologia e da psicologia comportamental.

A partir da criminologia, podemos avaliar a necessidade de olhar para os contextos mais amplos que incentivam a participação em crimes contra a vida selvagem. Podemos fazer isso levando em consideração diversas perspectivas e tentando entender a situação através das perspectivas das comunidades locais. Depois de levar em conta os contextos e as perspectivas das comunidades locais, podemos estabelecer formas mais eficazes de se falar e combater os crimes contra a vida selvagem, incorporando o que aprendemos da psicologia comportamental para se focar no incentivo à gestão de recursos naturais de base comunitária.

Isto incluiria o alinhamento de incentivos comunitários com incentivos de conservação através de benefícios/recompensas tangíveis e “empurrar” as pessoas para a conservação, em vez de forçá-la sobre eles.

Além disso, enfatizando a necessidade e quadros de políticas e legais que desencorajam activamente a corrupção e incentivam uma justiça rápida e justa, o envolvimento em crimes contra a vida selvagem pode deixar de ser algo que é visto como de risco relativamente baixo e de benefícios elevados para algo que apresenta um alto risco com poucos potenciais benefícios insignificantes.

Para contribuir a isto como jornalista, é importante:

- Questionar/descompactar as suposições: caça furtiva vs tráfico
- Descobrir as complexidades por detrás de cada história
- Tornar a conservação uma questão mais ampla - concentrar-se menos na caça furtiva e mais no uso sustentável de recursos
- Encontrar as ligações mais profundas entre governança, corrupção e outros crimes organizados.

“Para que os incentivos funcionem, é preciso haver uma ligação directa entre o comportamento e a recompensa. As recompensas devem ser entregues regularmente.”



O periquito de bochechas pretas é endêmico na Zâmbia e muito procurado.

“Os crimes contra a vida selvagem podem mudar de algo que é visto como relativamente de baixo risco e alta rendimento para algo que apresenta um alto risco com pouco potencial de rendimento

Um dos papéis mais significativos que a mídia pode desempenhar no combate ao crime contra a vida selvagem é olhar activamente para as comunidades locais como aliadas e agentes de mudança. Lembre-te: escolhes de quem é a história que vais contar. Para envolver as comunidades locais na narrativa de uma forma eficaz, é importante:

- Enquadrar a tua peça a partir da perspectiva da comunidade
- Enfatizar as realidades vividas pelas comunidades locais e seu papel na conservação; evitar esforços para combater os estereótipos e desafiar os equívocos comuns
- Inclui uma ampla gama de fontes com perspectivas diversas.

Reportagem de crimes contra a vida selvagem em acção

Existem muitos exemplos de reportagens excelentes quando se trata de crimes contra a vida selvagem que não podemos incluí-los todos neste manual. Apresentamos abaixo alguns exemplos que procuram abordar alguns dos problemas destacados acima:

[The Underworld of Abalone – Kimon de Greef](#)

[Africa's pangolins will be extinct in 20 years if urgent action is not taken – Sheree Bega](#)

[Wildlife Crime: Why do local communities poach? - Annette Hübschle-Finch](#)

Glossário de Termos Úteis

CITES	A Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Extinção, conhecida como CITES, fornece um quadro para proteger e regular o comércio internacional de certas espécies. Não define o crime contra a vida selvagem, mas influencia fortemente a legislação nacional e fornece um meio de cooperação contra o tráfico. A CITES é importante porque permite que os países protejam reciprocamente as espécies de acordo com um conjunto comum de regras. Embora a CITES seja um acordo comercial, e não um veículo do direito penal internacional, define as regras que os traficantes da vida selvagem procuram contornar e fornece uma lista de espécies que a comunidade internacional concordou em proteger globalmente. Finalmente, a CITES tem um forte mecanismo de conformidade em que as partes não conformes podem ser excluídas do comércio legal.
Cadeia de valor ilícita	A cadeia de valor ilícita abrange o conjunto de actividades domésticas e globais (origem, trânsito e mercado) em que sindicatos criminosos ou empresas criminosas (incluindo sistemas de especialidades e papéis funcionais ou comerciais) operam para traficar produtos contrabandeados. A cadeia de valor ilícita inclui todas as actividades relacionadas a organizações criminosas, compreendendo fornecimento, logística, distribuição, comercialização e venda de produtos ilícitos ou contrabandeados num mercado ilícito. (Estratégia Nacional Integrada da África do Sul para Combater o Tráfico da Vida Selvagem)
Cadeia de valor da vida selvagem ilícita	O comércio ilícito da vida selvagem abrange a cadeia de valor ilegal do crime contra a vida selvagem, incluindo actividades como o abate ou colheita ilegal (caça furtiva), contrabando, posse e comércio de fauna e flora. Esta definição também inclui as várias formas de corrupção, lavagem de dinheiro e comercialização de bens ilícitos necessários para que estas transações ocorram. (Estratégia Nacional Integrada da África do Sul para Combater o Tráfico de Vida Selvagem)
Caça furtiva ou captura ilegal	A caça furtiva se refere à caça ou captura ilegal de animais selvagens. Na África Austral, existem muitos tipos de caça furtiva, que incluem: <ul style="list-style-type: none">■ Caça ilegal de subsistência para consumo doméstico, normalmente usando armadilhas de arame ou cabo, armas tradicionais (ex.: arco e flecha, lanças) ou armas de fogo■ Caça ilegal comercial para venda da carne nos mercados, normalmente usando armadilha de corda cumprida ou armas de fogo■ Captura de animais vivos para o comércio de animais de estimação ou aquários (ex: cobras, lagartos, pássaros, peixes ciclídeos dos lagos do Vale do Rift)■ Coleta de espécies marinhas de alto valor (ex: abalone, tubarões para o comércio de barbatanas de tubarão)■ Abate ilegal de animais individuais para obtenção de produtos de alto valor da vida selvagem (ex: rinocerontes para a extracção de cornos, elefantes para extracção do marfim, pangolins para a extracção das suas escamas, leões para extracção de dentes e garras)
Tráfico da vida selvagem	o tráfico da vida selvagem é a descrição abrangente que usamos para descrever todas as etapas envolvidas no transporte do produto da vida selvagem de onde foi caçado ou ilegalmente colhido para o mercado, onde chega ao utilizador final. Isto inclui contrabando, armazenamento, pagamento por actos ilegais, marketing e venda de mercadorias ilícitas, corrupção e lavagem de dinheiro. Normalmente, trata-se de actos criminosos especializados praticados por criminosos organizados.

Recursos

[Wildlife Legislation in Sub-Saharan Africa: Criminal Offences Communication on rhino poaching: Precautionary lessons about backfires and boomerangs – Ian Glenn, Sam Ferreira, and Danie Pienaar](#)
[eVukaLearn journalists course expression of interest](#)
[Oxpeckers Investigative Environmental Journalism](#)
[#WildEye in Europe](#)
[#WildEye Asia](#)
[Rhino Court Cases tracker](#)
[PoachTracker](#)